

Educação Matemática e Educação Especial na perspectiva Inclusiva:

olhares, perspectivas e diálogos entre teoria e prática

tratum buck tomanopalarim in tratum buck therebeng on phalabendest teams.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E OS VESTÍGIOS FOTOGRÁFICOS

Odair Gonçalves Marquez¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul omarquez.marquez@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-9975-6718

Pamela Kariny Peteres Soares Lima² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Pamela.peteres.lima@ufms.br https://orcid.org/0000-0003-1496-5375

Edilene Simões Costa dos Santos³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul edilenesc@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-0509-0098

Resumo:

Ao analisar toda essa gama de material, muitas vezes esquecido, volta ou outra, o historiador se depara com fotografias de alunos, de professores, da escola e outras mais. No entanto, começam aí algumas questões de como utilizá-las na pesquisa. Com o pensamento que a história é uma representação do passado, e, como representação pode-se entender como aquilo a que a memória nos remete. Sem querer trazer conceitos ou definições, pode-se dizer que a fotografia produz o mesmo efeito. A pretensão neste artigo é argumentar que a fotografia pode ser vista como fonte de pesquisa histórica e auxiliar na leitura de determinada cultura escolar, a depender da época e local em que foi feito o registro fotográfico. Para isso, analisou-se uma fotografia do Colégio Imaculada Conceição, datada próxima dos anos de 1925, época em que o Colégio estava em construção, onde traz alunas na entrada do colégio. Para essa análise fotográfica utilizou-se os conceitos de *representação* (CHARTIER, 1991), *cultura escolar* (JULIA, 1990) e referenciais teórico-metodológicos da história cultural.

Palavras-chave: História; Fotografia; Colégio feminino; Cultura Escolar.

1. Introdução

As pesquisas em histórias da educação matemática têm trazido à tona discussões sobre os saberes da docência a partir novas perspectivas e categorias, como os saberes a ensinar

¹ Doutorando em Educação Matemática pela UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Mestranda em Educação Matemática pela UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

³ Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade de Brasília. Professora do Instituto de Matemática da UFMS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, no qual orienta pesquisas no eixo: História, Filosofia e Educação Matemática.

matemática e os saberes para ensinar matemática, conforme verificamos pelo aumento das publicações em anais de eventos e periódicos de história da educação matemática a partir do ano de 2018. Ao fazer um levantamento de artigos produzidos sobre os saberes da docência e a matemática a e para ensinar nas revistas HISTEMAT, REAMEC e Boletim ACERVO, que trazem muita produção em história da educação matemática, é possível verificar o quanto esses saberes estão se solidificando em pesquisas de educação matemática fomentadas pelo grupo GHEMAT.

Ao elucidar o leitor para esses saberes, as pesquisas têm apontado, de acordo com cada época, citando por exemplo, os saberes necessários que um professor precisava para ensinar frações, aqui vista como uma das matérias da aritmética ensinada nas séries primárias do ensino.

Com a finalidade de falar sobre esses saberes os historiadores em educação matemática tem visitado e revisitado aquilo que chamamos de "caixa preta" da escola, que são os arquivos escolares, onde são guardados documentos, atas, registros de alunos, dentre outros que nos ajudam a investigar a escola na tentativa de analisar as práticas de ensino e os materiais utilizados nessa prática nas salas de aulas brasileiras.

Ao analisar toda essa gama de material, muitas vezes esquecido, volta ou outra, o historiador se depara com fotografias de alunos, de professores, da escola e outras mais. No entanto, começam aí algumas questões de como utilizá-las na sua pesquisa.

Com o pensamento que a história é uma representação do passado, e, como representação podemos entender como aquilo a que a memória nos remete. Sem querer trazer conceitos ou definições, podemos dizer que a fotografia produz o mesmo efeito.

E, mesmo que não tenhamos nada escrito, ao olhar para uma fotografia, dependendo da situação podemos até mesmo acessar sensações daquele momento, como sentir o perfume, ou até mesmo trazer à memória comentários e pessoas que estavam naquele local no momento da foto. Ora, se isso é possível elucidar a partir de uma fotografia, então: "O que é possível ler a partir de uma imagem?" "Existe algum valor histórico na fotografia?"; "É possível falar sobre a história da educação matemática se utilizando de fotografias como vestígio histórico?"

A nossa pretensão neste artigo é argumentar que a fotografia pode ser vista como fonte de pesquisa histórica e auxiliar na leitura de determinada cultura escolar, a depender da época e local em que foi feito o registro fotográfico.

Dessa forma, traremos uma breve evolução histórica de como a fotografia é vista desde a sua invenção e como podemos olhá-la nos dias atuais, com características próprias que precisam ser analisadas num determinado contexto histórico e singular e, a partir daí tentar

aproximações da fotografia como vestígio à auxiliar na constituição da história da educação matemática.

Para isso, iremos analisar uma fotografia do Colégio Imaculada Conceição, datada próxima dos anos de 1925, época em que o Colégio estava em construção, onde traz alunas na entrada do colégio. Para análise dessa fotografia iremos utilizar os conceitos de *representação* (CHARTIER, 1991), *cultura escolar* (JULIA, 1990) e referenciais teórico-metodológicos da história cultural.

2. Referencial teórico

Não podemos recriar o passado, mas podemos criar representações a partir de vestígios que encontramos que apontam para traços de uma cultura, fato histórico ou algo que traz uma certa significação para a memória.

A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga - traça toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port Royal (25). Por um lado, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias de signos (certos ou prováveis, naturais ou instituídos, aderentes a ou separados daquilo que é representado, etc.) e caracterizar o símbolo por sua diferença com outros signos (26). (CHARTIER, 1991, p. 184)

Olhando para o conceito de representação podemos dizer que a fotografia é capaz de mostrar alguns vestígios do passado e pode ser um instrumento importante para o historiador com a capacidade de aguçar os sentidos quanto à memória de um fato, ou de uma cultura.

Para os historiadores da educação matemática, a fotografia pode contribuir significativamente na análise de materiais didáticos, vestimenta, edificações, dentre outros. Pois é capaz de auxiliar na verificação da *cultura escolar*. O que segundo Julia, podemos entender a *cultura escolar*

como um conjunto de normas que define conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 1991, p.2)

Arrisco-me aqui dizer que a fotografia pode ser vista, a partir de Le Goff (2002), como um *documento*, uma prova, aquilo que Burke traz como *testemunha ocular* de um momento histórico, e como representação pode ser revisitado pela memória. É claro que, para o historiador um documento precisa se tornar um testemunho válido, confiável e, para isso, precisamos verificar a sua confiabilidade.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p.470)

De certo modo, o historiador precisa, ao olhar para uma fotografia, fazer o exercício de verificar quem produziu a foto (o autor), o contexto sócio-histórico e o tema que ela apresenta, para então analisar o que ela traz em si, para não correr o risco de uma análise subjetiva e parcial.

No caso da fotografía, esse "documento", segundo Burke (2017), precisa ser contextualizado.

Isso nem sempre é fácil no caso de fotografias, uma vez que a identidade dos fotografados e dos fotógrafos é muitas vezes desconhecida, e as próprias fotografias, originalmente – em muitos casos, ao menos – são oriundas de uma série e foram separadas do projeto ou do álbum no qual eram inicialmente mostradas, para acabarem em arquivos ou museus. (BURKE, 2017, p.38)

As primeiras fotografias eram como cópias de pinturas. Olhando para algumas composições fotográficas o que podemos verificar, segundo Burke (2017), é que na escolha do tema fotográfico

os fotógrafos foram muito além da mera seleção. Antes da década de 1880, na era da câmera de tripé e exposições de 20 segundos, os fotógrafos compunham as cenas, dizendo às pessoas onde deveriam se posicionar e como se comportar (como até hoje nas fotografias de grupo), tanto no estúdio quanto em fotos ao ar livre. Algumas vezes, eles construíam as cenas da vida social de acordo com as convenções familiares da pintura do gênero, especialmente cenas holandesas de tavernas, camponeses, mercados etc. (BURKE, 2017, p.39)

A história da fotografia tem apresentado algumas características interessantes para a sua análise, pois na história, podemos verificar três grandes momentos de pontos de vista da fotografia, e o que o olhar do historiador precisa exercitar quando fará essas análises, de acordo com Dubois (2012):

a fotografia como espelho do real (o discurso da mimese). O efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuída à semelhança existente entre a foto e seu referente. De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um "analogon" objetivo do real. Parece mimética por essência.

a fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução). Logo se manifestou uma reação contra esse ilusionismo do espelho fotográfico. O princípio da realidade foi então designado como pura "impressão", um simples

"efeito". Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também culturalmente codificada.

a fotografia como traço do real (o discurso do código e da desconstrução). Por mais útil e necessário que tenha sido, esse movimento de desconstrução (semiológica) e de denúncia (ideológica) da impressão de realidade deixa-nos contudo um tanto insatisfeitos. Algo singular, que a diferencia dos outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do que não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram na sua elaboração. (DUBOIS, 2012, p.26)

Para a nossa análise o que acreditamos ser mais próximo de nosso objetivo neste estudo é enxergar a fotografia como representação do passado, num foco de testemunho ocular que precisa ser questionado de sua autenticidade e confiabilidade a partir da visão dela como traço do real, com todos os códigos contidos em si.

3. Metodologia

Na história cultural nossa metodologia não se faz separada do referencial teórico, por isso chamamos de referencial teórico-metodológico, assim utilizamos Bloch (2002) para análise dos testemunhos. Sendo assim, a crítica dos testemunhos, neste caso específico a fotografia, é feita conforme os critérios apresentados por Bloch (2002) em conformidade com Burke (2001) quando fala das análises das imagens e das fotografias que "É essencial haver uma crítica da fonte. Como o crítico de arte John Ruskin (1819-1900) inteligentemente observou, a evidência de fotografias 'é de grande utilidade se você souber como interrogá-las'." (BURKE, 2001, p. 41) e de acordo com o que Dubois (2012) traz sobre a visão da fotografia como traço do real.

Para isso, iremos analisar uma fotografia do Colégio Imaculada Conceição, datada próxima dos anos de 1925, época em que o Colégio estava em construção, onde traz alunas na entrada do colégio, para análise dessa fotografia iremos utilizar os conceitos de *representação* (CHARTIER, 1991), *cultura escolar* (JULIA, 1990) e referenciais teórico-metodológicos da história cultural.

4. A imagem e seu papel histórico

Com o intuito de auxiliar o leitor, falaremos sobre o papel que a imagem detinha sobre a humanidade, em um percurso histórico, desde as imagens rupestres que eram desenhadas pelo ser humano na tentativa de registrar momentos importantes ou retratar lembranças; destacando também a utilização que a igreja faz das imagens para propagar o cristianismo para aqueles que não sabiam ler. É importante perceber que "neste processo de adaptação e adequação, elementos

são substituídos, retirados ou valorizados atendendo ao momento histórico, as intencionalidades e público a que tais imagens são destinadas" (DALCIN; BRITO, 2015, p. 234). Diante disso, as imagens além de terem a função de registrar fatos, elas também perpetuam ideias, crenças, valores etc. (DALCIN; BRITO, 2015).

Com isso, destacamos que não somente os registros hachurados têm agregado valores culturais ao longo da história. Com o avanço da tecnologia, a fotografia garantiu uma nova forma de "guardar" momentos e com isso abriu novos horizontes de investigação a partir da imagem.

4.1. Fotografia e sua história

A primeira fotografia foi feita por Joseph Nicéphore Niépce no ano de 1826 que registrou o quintal de sua casa com uma câmera escura, uma espécie de caixa escura com uma pequena abertura de luz, uma placa de vidro, liga de cobre e estanho-chumbo. Assim, Niépce nomeou sua descoberta de *heliografia*, que significa "gravura com luz solar". Esse fato só foi possível devido ao uso de um papel revestido com cloreto de prata que passou várias horas em exposição, o que resultou em uma imagem negativa que é o contraste entre o tom preto e branco.

Esse primeiro registro fez com que outras pessoas adeptas ao avanço dos meios de fotografia aprimorassem os mecanismos fotográficos. Assim, tornou-se notória a necessidade da humanidade de registrar e guardar momentos, pois as fotografias também "funcionam como sinais de orientação, como linguagens" (BORGES, 2003, p.72). Essas características fizeram com que a fotografia ganhasse destaque no meio social e posteriormente no meio acadêmico, contribuindo como objeto de investigação.

Diante disso, Dalcin (2018) aponta que a fotografia passou a ser utilizada como documento de investigação no meio científico e com isso auxiliando na construção de narrativas. Esse movimento de pesquisa tem a fotografia como um gatilho para acessar memórias ou para acessar um passado não vivenciado pelo pesquisador. De acordo com Le Goff (1990, p. 467), a "fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica". O que faz com que esse tipo de registro seja tão valioso aos olhos de pesquisadores.

De acordo com Borges (2003), quando do surgimento da fotografia, os fotógrafos em sua maioria não possuíam nenhuma especialidade ou qualificação profissional para exercer tal função, sendo assim eram homens comuns que em alguns casos eram desenhistas, pintores, caricaturistas e entre outros. Porém, com o avanço fotográfico algumas restrições passaram a

fazer parte desse trabalho. Geralmente as fotografias eram registradas em locais específicos, com pessoas preparadas para exercer esse trabalho e munidos de técnicas específicas.

Essas técnicas fazem com que o fotógrafo produza na imagem aquilo que ele deseja registrar. Dalcin (2018) diz que o pesquisador não pode se deixar levar pelas primeiras interpretações, pois como parte de seu ofício é seu dever confrontar informações e questionálas, assim sendo, a autora enfatiza que:

É bom lembrar, que a fotografia, enquanto fonte histórica, dialoga com outras fontes: escritas, orais e também com outras fotografias e imagens. Neste sentido podemos olhar para a fotografia na sua individualidade, mas também na relação com outras fotografias, compondo um mosaico de imagens, uma narrativa visual. (2018, p.27).

A ideia é que os pesquisadores tenham outras possibilidades de investigação e validação das informações que as imagens carregam em si, no entanto, não se pode deixar de considerar o que Dalcin (2018) aponta que para constatação dos fatos, a fotografia deve ser interpretada a partir de procedimento metodológico específico.

4.2. Fotografia como fonte de pesquisa em história da educação matemática

Utilizar a fotografia enquanto objeto de investigação é uma ação recente para campo de pesquisa em história da educação matemática. Essa prática nos revela que ainda temos muito a explorar através da imagem, em especial, aprender a ler imagens e a partir delas encontrar indícios do passado.

Para esse tipo de trabalho a fotografia passa ser considerada como potencial fonte de investigação, assim deixando de ser uma mera informação no corpo do texto passando a contribuir fortemente na verificação de culturas e costumes de um povo. Para Dalcin (2012), esse tipo de pesquisa, em história da educação matemática, nos faz identificar informações pertinentes a "cultura material e imaterial das localidades estudadas a partir da análise do contexto escolar" (DALCIN,2012, p.01), pois nos proporciona realidades que muitas vezes não conseguimos identificar apenas por documentos escritos.

A ação humana em querer registrar por meio da fotografia vem de uma vontade de eternizar um dado momento ou até mesmo legitimar uma determinada ação social, sendo assim a fotografia acaba atuando como registro de uma simbologia, como exemplo Dalcin (2012) explica a ação de fotografar formaturas, pois esse registro tem um significado e por isso ganha reconhecimento social, diante disso Burke (2005) explica que, "para interpretar imagens, é necessário familiarizar-se com os códigos culturais. (p. 46).

Assim podemos dizer um conjunto de fotografias tiradas em um mesmo ambiente escolar, nos possibilitam dar uma melhor atenção aos detalhes do lugar, pois por meio da familiarização podemos dar indícios de determinadas características que denunciam as condições estruturais do espaço, a ação desenvolvida pelo professor e alunos, características da turma como faixa etária de idade e dentre outros elementos do ambiente escolar.

Assim, para melhor entendermos esses processos de análise, Dalcin (2012) traz reflexões a respeito do desenvolvimento de pesquisas que usaram a fotografia como fonte de investigação na linha da história da educação matemática. Assim, ela relata as possibilidades que a fotografia proporcionou durante o desenvolvimento de duas pesquisas por ela coordenada, intituladas *Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres* (2008 – 2010) e História da Educação Matemática em Mato Grosso ao longo do século XXI: narrativas e vidas de professores (2010-2012). As reflexões sobre esses trabalhos identificam contribuições de fotografias para o desenvolvimento dessas pesquisas. Sendo assim, Dalcin (2012) relata que as fotografias selecionadas para essas pesquisas

contribuíram em especial para a compreensão do espaço e tempo das instituições estudadas, bem como sobre as práticas vinculadas ao ensino de matemática e a formação de professores. Trouxeram luz para questões do cotidiano, não expressas nos documentos escritos oficiais. Possibilitaram uma melhor compreensão da cultura material e imaterial das localidades estudadas a partir da análise do contexto escolar. (DALCIN, 2012, p.5)

A partir disso, podemos refletir que dentro dessa gama de possibilidades proporcionadas para esse tipo de investigação, tudo irá depender da fotografia registrada e de como ela nos permite identificar elementos através da imagem que, por meio de questionamentos e confrontantes com outros documentos possibilita inferir determinadas considerações, corroborando com Borges (2003, p.72) quando diz que as imagens "ajudam a ler e interpretar suas ambiguidades e seus silêncios - como também o cruzamento com outros tipos de documentos". Assim, além das imagens capturadas nas fotografías falarem por si, elas corroboram para a leitura de outros documentos.

Dessa forma, podemos concluir que a fotografia desempenha um papel importantíssimo nas pesquisas históricas em educação matemática, pois de acordo com Dalcin (2012), a fotografia amplia o repertório de fontes a serem analisadas dialogando com documentos oficiais e depoimentos orais, ampliando as possibilidades de investigação sobre práticas educativas espaço escolar.

4.3. Fotografia como exercício de análise histórica

Para finalizar a nossa análise trouxemos uma imagem que consta de meados do século XX na cidade de Corumbá, datada próximo do ano de 1925, no então estado de Mato Grosso. A nossa pretensão é fazer uma observação da imagem e apontar características contidas nela, muito úteis para a história da educação matemática de Corumbá.

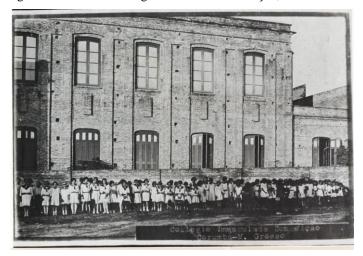


Figura 1: Alunas do Colégio Imaculada Conceição, Corumbá-MT

Fonte: Acervo Instituto Luiz de Albuquerque

A Figura 1 apresenta o registro fotográfico de alunas do Colégio Imaculada Conceição, Corumbá-MT, no início do século XX. Essa foto faz parte do acervo fotográfico digital do Instituto Luiz de Albuquerque - ILA, composto por dois discos que foram salvos em duas pastas separadas e está disponível para consulta no ILA, localizado na Praça da República, Corumbá MS. Não foi possível encontrar o nome do fotógrafo que fez esse registro. A foto data de meados do século XX, próximo ao ano de 1925, de acordo com Morais, Kassar e Magalhães (2022), e traz características do colégio das irmãs salesianas, escola particular que funcionava nesse período, exclusiva para meninas. Todas essas análises corroboram com o que Burke (2017), fala sobre a dificuldade de uma análise de uma fotografia fora do seu álbum original, sem o nome do seu autor e de seus atores, por isso a necessidade de verificar outras fontes que comprovem a autenticidade e confiabilidade da foto.

Na imagem é possível verificar a presença de alunas de várias idades, por conta da estatura e vestimentas diferenciadas de acordo com a idade e o nível de escolaridade. Não é possível identificar a cor da vestimenta pois o registro foi realizado em preto e branco. Mas, é possível identificar que o uniforme trazia uma cor sólida, com cinto na faixa da cintura e um detalhe no colo, embora seja possível encontrar alunas sem esses detalhes citados. A vestimenta

traz traços tardios da moda parisiense⁴ dos anos de 1920, com uma costura reta. Segundo Julia (1990), o uniforme das alunas, visto aqui pelo modelo, acessórios, altura do corte no joelho, detalhes na cintura e no colo, a separação das alunas por estatura, dentre outras características que seja possível capturar na imagem ajudam a entender a cultura escolar, o conjunto de normas e condutas, e como elas vão se enraizando nas práticas da escola. O que nos possibilita enxergar essa cultura escolar é a relação de *representação* que a fotografia é capaz de transmitir através dos vários signos que a compõem, de acordo com Chartier (1991).

Na foto podemos verificar a presença de um prédio com um andar térreo e outro superior, com janelas grandes para salas bem arejadas. As janelas da parte superior apresentam vidraças, enquanto as janelas da parte inferior aparentam ser confeccionadas em madeira com vidro na parte superior. O prédio é amplo, no entanto, não aparece a porta. O que fica evidente na fotografia é que as paredes estão com tijolos à vista, sem um acabamento em reboco ou qualquer cobertura ou pintura. Ao verificarmos prédios construídos em meados do século XX podemos perceber que possuíam janelas altas, assim como as portas altas e largas. As representações dessas edificações trazem características marcantes de uma arquitetura escolar da época, de acordo com Julia (1990) é o que nos remete às estruturas das instituições de ensino nesse período, tais características são assim assimiladas, justamente pelas representações que temos a partir da fotografia, conforme o que nos possibilita Chartier (1991)

A foto mostra uma preparação para um registro oficial, no entanto, não está evidente nenhuma professora ou diretora da escola dentre as alunas. Podemos identificar que as alunas estão à vontade, aguardando algo que ainda vai acontecer. De acordo com Moraes, Kassar e Magalhães (2022), o colégio atendia exclusivamente meninas, onde

Havia as que eram alunas, oficialmente matriculadas e pagantes de mensalidades; algumas retornavam aos seus lares ao fim do dia de atividades escolares (alunas externas), enquanto outras permaneciam no colégio (alunas internas), quando suas famílias residiam nas fazendas, estando sujeitas a grandes distâncias do centro urbano e às características geográficas do pantanal. (MORAES, KASSAR, MAGALHÃES, 2022, p. 12.

Além do uniforme das alunas, a utilização de bolsas de couro para carregar o material escolar, ajudam a caracterizar traços da cultura escolar do Colégio Imaculada Conceição. A

Segundo a Gazeta do Comércio, edição 206 de 1925, muito se anunciava da influência da moda parisiense no estado, e Corumbá, por ser uma cidade portuária importante e fluxo de todo o comércio que chegava ao estado de Mato Grosso, refletia muito a moda de Paris e dos grandes centros mundiais.

foto oficial feita pelo Colégio Imaculada Conceição no ano em análise é possível ser encontrada no trabalho de Moraes, Kassar e Magalhães (2022), que serviu de suporte para nossa análise.

Nesse mesmo período, na cidade de Corumbá, existia mais uma escola salesiana em funcionamento, um grupo escolar recém inaugurado, e algumas escolas isoladas. O que mostra que o Colégio Imaculada Conceição não era o único na cidade, mas era o único exclusivo para meninas.

A partir desse exercício de análise da fotografia que trouxemos para este estudo podemos ver o quanto a fotografia pode ser uma boa aliada para os pesquisadores em história da educação matemática, pois ela pode elucidar fatos, cultura, dentre outras situações presentes na escola.

5. Considerações finais

Algumas considerações são possíveis a partir do estudo feito até aqui, tais como, inferir sobre a dificuldade de uma análise de uma fotografia fora do seu álbum original, sem o nome do seu autor e de seus atores, por isso a necessidade de verificar outras fontes que comprovem a autenticidade e confiabilidade da mesma.

O uniforme das alunas, visto aqui pelo modelo, acessórios, altura do corte no joelho, detalhes na cintura e no colo, a separação das alunas por estatura, dentre outras características que seja possível capturar na imagem ajudam a entender a cultura escolar, o conjunto de normas e condutas, e como elas vão se enraizando nas práticas da escola.

É necessário compreender que não podemos apenas ler a foto pela foto, mas os traços que ela traz, a representação que ela faz do mundo a partir da leitura do seu autor e a partir da crítica desse documento com outros documentos da época.

Assim como foi possível analisar traços da cultura escolar a partir de representação capturada pela fotografia de um colégio salesiano para meninas, também vemos que a fotografia é capaz de trazer argumentos suficientes e indícios que auxiliem nos estudo não apenas da cultura escolar, mas de materiais, cadernos, livros, práticas docentes que podem enriquecer o estudo da história da educação matemática brasileira.

Não temos a intenção de fechar aqui este estudo, mas a partir dele auxiliar na percepção de pesquisador em história da educação matemática o quão valoroso é ter a fotografia como mais um instrumento, ou documento, de investigação historiográfica.

Referências

BURKE, Peter. O que é história cultural? Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular, o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução: Vera Maria dos Santos. 1 ed. São Paulo. Editora Unesp Digital, 2017.

BORGES, Maria Eliza Linhares. História e Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DALCIN, Andréia. Fotografia como fonte para pesquisas em História da Educação Matemática. In: I ENAPHEM-Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. **Anais**. UESB, Vitória da Conquista. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/view/15032. Acesso em: 11, set. 2023.

DALCIN, Andréia. Fotografia, História e Educação Matemática: Apontamentos para pesquisas sobre a cultura escolar. **Revista de História da Educação Matemática**, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: https://histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/view/195. Acesso em: 11, set. 2023.

DALCIN, Andréia; BRITO, Arlete de Jesus. O exercício do olhar como possibilidade para interpretar práticas escolares do passado. **Revista de educação em ciência e tecnologia**. Vol. 8, n. 2, 2015. Disponível em:

https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n2p233/0. Acesso em: 11, set. 2023.

DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico**. Tradução: Marina Appenzeller. 14ª ed. Campinas, SP. Editora Papirus, 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução: Gisele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, n° 01. 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5241547/mod_resource/content/1/JULIA%20Dominique_A%20cultura%20escolar%20como%20objeto%20hist%C3%B3rico.pdf. Acesso em: 11, set. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, 1924, Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MORAES, Thais Palmeira; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães; MAGALHÃES, Justino Pereira de. Acolhimento de crianças pobres no interior do Brasil: o caso de uma escola salesiana em Corumbá, Mato Grosso, 1904-1927. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2022. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/rbedu/a/d6ffvDMHBmLp45qYyg5dcmb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 11, set. 2023.

SALESIANAS. Inspetoria Nossa Senhora Aparecida. Colégio Imaculada Conceição — Corumbá. Disponível em: https://www.salesianas.org.br/colegio-imaculada-conceicao-corumba-ms/. Acesso em: 09 de jul. 2023.